

Na espiritualidade de nossos pais e mães buscamos a graça de ouvidos bem atentos. Aprender a ouvir é uma grande lição de vida, e é disso que dão testemunho as páginas deste livro. Com seus autores eu aprendo que o silêncio abraça, prepara a mesa, segura a pressa de aconselhar, põe freios na ansiedade de visitar a dor do outro sem ter nos olhos aquelas lágrimas que saram o coração. Este livro é uma sinfonia espiritual escrita para todos os que procuram ouvir.

MARCOS ALMEIDA
Cantor e compositor

O que mais me impactou foi que o livro não fala especificamente de mentoria, em que se imagina alguém com mais prática e conhecimento ensinando um novato, nem fala especificamente de discipulado, em que um profundo conhecedor das Escrituras ministra a outro, menos instruído. O que me impactou foi que o livro revela um pouco o mistério dos “encontros”, encontros esses em que todos, mentores e mentorados, são convidados a não negar nem disfarçar sua própria miséria humana a fim de, juntos, experimentarem a graça de Deus.

ESTHER CARRENHO
Teóloga, psicóloga clínica e escritora

Sempre que estive na presença dos autores deste livro, eu pensava: “Que maravilhoso seria se o que estou ouvindo aqui pudesse alcançar mais pessoas!”. Esse desejo agora é realidade. Com esta publicação a igreja brasileira ganhou um presente de grande valor. Sua leitura meditativa tem condições de transformar nossas práticas devocionais e ofícios litúrgicos em momentos de profundo encontro com a Trindade, livrando-nos da espiritualidade mecânica e superficial que nos tem aprisionado em nossos maus hábitos evangélicos.

PEDRO DULCI
Pastor, conferencista e escritor

Nesta obra o leitor encontrará um reexame refinado de temas essenciais da espiritualidade na rica tradição cristã, temas esses que são apresentados nas Escrituras e têm sido vivenciados no curso dos séculos. É um livro escrito com a vida de seus autores: amados pastores

que inspiram minha jornada. Um texto conversado, como mentoria, com jovens líderes.

DAVI LAGO

Pastor, conferencista e escritor

Esta obra é a semente de mostarda transformada em árvore frondosa. Aqui temos a oferta de alimento, textos com sabor de essência de vida em Cristo. E, como a impactante cor amarela da mostarda em pó, o livro nos remete a um estado de “atenção” para o chamado que verdadeiramente importa: “Segue-me”. É um alerta profético a ser ouvido com o coração.

DELIS ORTIZ

Jornalista e membro da Igreja Presbiteriana do Planalto, Brasília

FORMAÇÃO ESPIRITUAL

Um caminho de fé, vida e missão



Organizado por
VALDIR STEUERNAGEL



mundocristão

Copyright © 2020 por Valdir Steuernagel (org.)
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo indicação específica.

Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em geral referem-se a grifos dos autores.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

Os direitos das ilustrações utilizadas nesta obra foram cedidos pelos artistas para uso dos autores. Usado com permissão.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F82

Formação espiritual : um caminho de fé, vida e missão / organização Valdir Steuernagel. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2020.
160 p.

ISBN 978-85-433-0512-7

1. Espiritualidade. 2. Vida cristã. I. Steuernagel, Valdir.

20-62214

CDD: 284.4

CDU: 27-584

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Rafael Brum

Ilustrações
Angela Bacon (caps. 5, 8)
Keren Moura (cap. 3)
Martina Seefeld Storck (cap. 2)
Pri Sathler (caps. 4, 6)
Rick Szuecs (cap. 1)
Sonia Couto (cap. 7)

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: setembro de 2020 | 1ª reimpressão: 2021

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
1. Trindade: identidade e comunhão	21
<i>Ricardo Barbosa de Sousa</i>	
2. O evangelho do reino: riqueza e desafio	37
<i>Valdir Steuernagel</i>	
3. A igreja é sempre a igreja	55
<i>Ricardo Barbosa de Sousa</i>	
4. A graça do silêncio e a disciplina da escuta	73
<i>Osmar Ludovico da Silva</i>	
5. As disciplinas espirituais	89
<i>Osmar Ludovico da Silva</i>	
6. A descoberta e o encanto com o outro	105
<i>Silêda Silva Steuernagel</i>	
7. Família: fonte de alegria e sofrimento	119
<i>Isabelle Ludovico</i>	
8. O tempo como dádiva	139
<i>Ziel Machado</i>	
<i>Sobre os autores</i>	157

Agradecimentos

Na caminhada do Projeto Grão de Mostarda (PGM), descobrimos uma face de Deus que é graciosa, acolhedora e desafiadora. Agradecemos.

Centenas de *pegemistas*, como chamamos os participantes desse programa de mentoria, se integraram, de corpo e alma, a essa jornada de espiritualidade. Agradecemos.

Várias pessoas cuidaram da retaguarda, o que nos permitiu manter vínculos, desenvolver programas e construir relações. Entre eles destacamos Everton e Raquel Ferreira Kischlat, e Sandro e Chris Caetano. Agradecemos.

A produção deste livro foi uma obra conjunta. Além dos autores, também reconhecemos os artistas que fizeram parte do PGM e aqui expressaram facetas de sua espiritualidade. Assim, cada capítulo conta, na abertura, com uma arte que reflete a percepção do artista quanto ao conteúdo do texto, o que estabelece uma bonita conversa entre artistas e autores. São eles: Angela Bacon, Keren Moura, Martina Seefeld Storck, Pri Sathler, Rick Szuecs e Sonia Couto. Agradecemos.

E tem a Ana Flávia Vieira. Ela é “a Ana”. Carinhosa, prestativa e competente, foi de enorme ajuda na produção deste livro. Agradecemos.

Soli Deo gloria

Prefácio

A primeira vez que subi ao púlpito para o sermão dominical sem usar terno e gravata foi um marco em minha trajetória espiritual e ministerial. Era um daqueles dias de verão em Santos, litoral de São Paulo, quando até mesmo o vento era quente e se podia dizer que havia um sol para cada um. Eu estava iniciando meu ministério como jovem pastor, com pouco mais de 21 anos de idade. Cometi o atrevimento de deixar no encosto da cadeira o paletó que me acompanhava para rivalizar com meu semblante de menino. Ao final da manhã, um ancião, diácono dos antigos e fundador daquela igreja batista, me abordou em tom de crítica, comentando: “Já não se fazem mais pastores como antigamente”. Fui embora contrariado e entristecido, mas sem arriscar resposta.

Aos poucos fui me dando conta de que meu silêncio não se justificava por sabedoria prudente, educação ou mesmo humildade ou subserviência temerosa. A verdade era que eu não sabia o que responder. Foram necessários alguns anos para que eu fosse encontrado pelas palavras de Atos 13.36, que explodiram em meu coração como revelação, apontando o caminho: “depois que Davi fez a vontade de Deus em sua geração, morreu e foi sepultado com seus antepassados, e seu corpo apodreceu”. Naquele instante ouvi Deus me dizendo que era, sim, verdade que já não se fazem mais pastores *como*

antigamente, pela simples razão de que já não se fazem mais pastores *para* antigamente. Desde então percorro o caminho da obediência, buscando, com temor e tremor, servir ao propósito de Deus em minha geração.

Confesso meu pecado: o testemunho do Projeto Grão de Mostarda (PGM) sempre despertou em mim um misto de admiração e inveja. Nos meus primeiros anos de caminhada no discipulado de Jesus e serviço pastoral, tive também o privilégio de participar de uma experiência de mentoria espiritual comunitária que me oportunizou o discernimento e o aprofundamento de minha identidade e vocação. Mas me recordo de quantas vezes ouvi relatos a respeito do PGM e lembro que meu coração ansiava pela oportunidade de proximidade com aquela roda de mentores. Os anos foram se acumulando e agora sou surpreendido pela graça de escrever o prefácio que apresenta não apenas um texto, mas especialmente a biografia desses homens e mulheres mentores, com quem hoje tenho o prazer de privar da comunhão e amizade.

Valdir e Silêda Steuernagel, Osmar e Isabelle Ludovico, Ricardo Barbosa, Ricardo Gondim, que ficou no projeto até 2007, e Ziel Machado fazem parte da minha história. Minha peregrinação espiritual está profundamente marcada por seus ensinamentos sobre como ler as Escrituras, observar as disciplinas espirituais, cultivar a vida interior do Espírito, zelar pela integridade e a santidade do coração, desfrutar da família como experiência do sagrado, servir com diligência e zelo, e atravessar os dias com ternura e leveza na presença amorosa de Deus, nosso *Abá*.

A tradição religiosa na qual cresci, o evangelicalismo protestante reformado, é caracterizada mais por falar do que por ouvir, mais pela razão-racionalidade do que pela

subjetividade, mais pelo dogmatismo do que pela afetividade, mais pelo individualismo do que pelo encontro, mais pelo controle propositivo do que pela rendição responsiva, mais pela dimensão catafática do que aquela apofática. Especialmente quando somos jovens, ambiciosos de mudar o mundo, de fazer grande nosso nome sob a justificativa da relevância, e afoitos desde o alto da prepotência de quem se julga sabido, esse modelo serve como uma luva. Mas a mentoria espiritual inverte os polos. Convida ao silêncio e à comunidade. Chama para a profundidade e o sublime inefável. Sugere o Deus abscondito que se revela na face iluminada do irmão e da irmã. Aponta o caminho do quarto como lugar secreto e do encontro comunitário como ambiente seguro e amoroso, fecundo de transformações. Revela a missão e a vocação como expressão do ser e frutificar, muito mais do que fazer, empreender e realizar.

O PGM é um esforço prazeroso e generoso de parceria e amizade de alguns mentores e mentoras, que se dispõem a acompanhar as novas gerações, que não são mais como antigamente, para que sejam encontradas pela graça de Deus e se encontrem consigo e com sua vocação. Você tem em mãos um texto com profundidade bíblica e teológica, ensino prático e testemunho vivencial, um roteiro de temas imprescindíveis para sua jornada no discipulado: Deus em sua trindade; reino de Deus e seus imperativos missionais; igreja, em toda sua beleza e complexidade; família, com suas alegrias e dores; práticas devocionais e disciplinas espirituais; comunhão, amizades, encontros e desencontros. É minha alegria e honra ser um espectador privilegiado desses homens e mulheres, mentores e mentoras, que se dedicam a servir aos propósitos de Deus em sua própria geração sem contudo negligenciar a tradição,

legado das gerações que nos antecederam na fé, e as novas gerações que desde hoje semeiam os sinais do reino de Deus no amanhã e para sempre.

ED RENÉ KIVITZ

Pastor na Igreja Batista de Água Branca (IBAB),
em São Paulo

Introdução

Um convite à espiritualidade cristã

As coisas significativas na vida têm um lugar e um tempo. Fogem da abstração, tornam-se concretas e, à medida que acontecem, revestem-se de uma roupagem que pode até tornar-se uma marca. Foi isso que aconteceu com o Projeto Grão de Mostarda, que deu origem a este livro. O PGM, como hoje é identificado, nasceu espontaneamente, foi tomando forma e converteu-se em uma proposta, um jeito de ser, uma marca que já ultrapassa os 25 anos de existência.

O cenário não podia ser mais simples: uma cama, uma cadeira e um bloco de papel com folhas amarelas. Foi um período da minha vida em que, durante cerca de um mês, lutei contra uma febre insistente e de origem desconhecida. Ainda que tentasse “tocar a vida”, fui sendo tomado pelo enfraquecimento, que me obrigava a permanecer acamado boa parte do dia. Em um desses dias, Osmar Ludovico da Silva, na época já um irmão do coração, veio visitar-me. Acomodou-se numa cadeira ao lado da cama e ali permaneceu. Sem pressa e com muita presença, como é a marca dele.

Embora isso tenha ocorrido em 1993, guardo na lembrança aquela cena marcada pela presença sem pressa e que ainda hoje me estende um convite a desacelerar e a viver com presença. Creio que esse momento foi significativo para mim porque sou uma pessoa que sempre tem pressa, mesmo quando

a saúde exige desacelerar. Também tenho muita dificuldade de estar verdadeiramente presente, seja com relação a mim mesmo, seja com outras pessoas. De alguma forma, pode-se dizer que o PGM começou comigo e para mim, pois ali, em meio a essa conversa sem pressa, foi alinhavada a proposta de convidar um grupo de jovens para um mergulho na rota da espiritualidade. A ideia era formar um pequeno núcleo de pessoas mais experimentadas que se disporia a ser transparente e fazer-se presente na vida de líderes jovens que emergiam ao nosso redor.

Nos primeiros anos éramos eu, Osmar, Ricardo Barbosa e Ricardo Gondim. Quando este saiu, foi substituído pelo Ziel Machado. Esse núcleo passou a nutrir não apenas uma relação de mentoria com os jovens participantes do PGM, mas desenvolveu uma amizade que aproximava e enriquecia a caminhada de cada um. Uma caminhada que foi fielmente acompanhada pela Silêda, com a sua presença acolhedora e escutadora.

Assim, dos rascunhos escritos naquelas folhas amarelas, nasceu o PGM. Desde então, temos reunido um crescente número de pessoas dos mais diferentes matizes evangélicos e universos profissionais e de todos os lugares do Brasil para serem mentoreadas. No decorrer dos anos foram acompanhados sete grupos de líderes jovens, em idade entre 25 e 35, que se comprometeram a estar conosco por um período de três anos, orando e com o objetivo comum de que a “semente de grão de mostarda” encontrasse em sua vida um lugar fértil para brotar com beleza, enraizamento e acolhimento mútuo.

Essa rica experiência nos possibilitou acompanhar a vida desses jovens à medida que amadureciam, formavam família e encontravam o caminho da vocação profissional e

ministerial. Jovens que, servindo em sua igreja e movimentos, têm se empenhado em viver uma espiritualidade evangélica, com a marca da integridade e da visão relacional, com impacto vocacional e comunitário, sempre sob a égide da busca pelo reino de Deus.

Os encontros se caracterizam pela simplicidade, pela programação informal e pela convivência intensa. Priorizam o ouvir Deus em sua Palavra, mediante a prática da escuta no silêncio e da oração que nasce na alma, e o ouvir o outro, em um profundo compartilhamento do ritmo da vida. Procuramos alimentar uma espiritualidade bem construída, bem relacional e bem testemunhal, voltada sempre para a Trindade, para Jesus e seu reino, para uma significativa vida comunitária e para o testemunho da fé numa sociedade complexa, conflituosa e atrativa.

O PGM não é um produto terminado, como não está “terminado” qualquer processo de formação espiritual. Portanto, mentores e mentoreados vão abraçando e incorporando à sua vida e ao seu ministério as marcas dessa caminhada, vivenciando o que tem sido uma grande dádiva: a prática da oração e da escuta do outro e o surgimento de novos diálogos, gerando, assim, uma contínua e relevante obediência evangélica.

A convivência com os diferentes grupos de *pegemistas* tem nos permitido, como mentores, perceber uma crescente ambiguidade — marcada pela *gratidão*, pelo *conflito* e pela *dificuldade* — em relação à experiência eclesial dos participantes. A *gratidão* é expressada por muitos que desfrutam a fé no seio de sua igreja. Mas também aparece um crescente *conflito* com lideranças pastorais e autoridades eclesiais rígidas, que os veem como simples “mão de obra”, quando não como ameaça. E há ainda a *dificuldade* de conciliar a vivência profissional

com uma igreja que se nega a ver o mundo como o lugar onde a missão deve ser vivida.

Vezes sem conta, o que vimos foram líderes cansados e em crise com sua igreja, desmotivados para continuar nela e com ela contribuir. Não raro, sentiam-se ameaçados por líderes eclesiais inseguros e defensores de um *status quo* eclesiástico-cultural anacrônico. Viam-se confrontados por líderes famintos de fama e poder, que não permitiam o florescimento de uma liderança emergente disposta a conversar e carente de diálogo sobre a natureza da igreja e seu lugar testemunhal na sociedade.

O encontro com a vocação é outra marca muito presente em cada novo grupo de integrantes do PGM. Uma vocação que dê significado à vida, que seja capaz de mediar integridade e relevância na construção de uma sociedade mais digna e justa, e que represente um testemunho que aponte para a realidade do reino de Deus. O que temos visto, como mentores, são pessoas que lutam contra enormes estruturas de poder que dificultam, quando não impedem, o exercício da vocação como expressão de integridade e justiça capaz de construir sistemas transparentes e de promoção do outro, especialmente dos mais vulneráveis e frágeis.

Em anos mais recentes, a percepção de desencanto com a realidade brasileira aumentou de modo significativo. Afinal, a experiência de viver em um país estruturalmente injusto, politicamente refém de uma liderança autocentrada e dominada pela cultura do “jeitinho” em benefício próprio, guarda desafios que tendem a provocar desânimo e desilusão, ou fuga para encolhidas vivências eclesiais ou para a transformação da vocação num trabalho mecânico, cuja satisfação não vai além da remuneração. Assim, o que muitas vezes se testemunhou foi a emergência de líderes que vão perdendo

o encanto e a alegria de lutar por um sentido de dignidade, vocação e bem-estar comum.

Além disso, como não poderia deixar de ser, muitos participantes vêm com a experiência de uma família recém-constituída ou com a expectativa de fazê-lo, uma vez que nessa fase da vida a busca por um relacionamento estável e saudável é intensa e significativa. No entanto, para muitos deles que provêm de famílias disfuncionais, com experiências de vida doloridas, superar as dificuldades do passado e, ao mesmo tempo, buscar construir uma nova experiência familiar, saudável e dignificante, é um desafio que consome grande parte das energias próprias dessa fase da vida. Por isso, muitas das nossas conversas giram em torno da busca por ser família, do desejo de encontrar alguém com quem partilhar um matrimônio gracioso e saudável, da alegria da gravidez e da dor da infertilidade ou do aborto.

Celebramos vários matrimônios e festejamos o nascimento de muitas crianças, algumas das quais vieram a fazer parte de nossos encontros e tempos de silêncio, brincando ou sendo amamentadas no seio materno. Investir na formação de famílias que tenham a marca da graça, da mutualidade e do acolhimento, tanto mútuo como testemunhal, foi certamente uma das ricas experiências dessa nossa caminhada na espiritualidade cristã.

Enquanto essa busca do outro era afirmada no modelo familiar constituído por homem e mulher, as novas gerações se encontravam em contínua convivência com a afirmação de outros modelos e configurações relacionais e familiares, exigindo uma convivência e um diálogo do qual não podiam fugir e que tinham a marca da sua geração. A mera afirmação raivosa e fundamentalista de uma moral tradicional, muitas

vezes desgastada e desacreditada, não gerava esperança nova e genuína para uma geração que tem pela frente o futuro da relacionalidade e da comunidade. Portanto, para além da discordância e do protesto, era preciso buscar caminhos de escuta para questões excruciantes e perguntas emergentes mediante a prática do acolhimento genuíno e da oração e de uma conversa mútua, de modo a trilhar o caminho que conduz ao evangelho do reino de Deus.

Esse diálogo está longe de terminar e nele é preciso ouvir para que algo novo possa nascer. Um ouvir que se submete a Deus e à sua Palavra, e leva o outro a sério, chorando e celebrando com ele, na clara e profunda consciência de que é nesse evangelho, como boa-nova, que precisamos todos nos encontrar.

É importante destacar que o PGM não pretende ser um meio de encontrar respostas prontas, pois ele é, acima de tudo, uma oportunidade para oração, escuta e encontro. Uma oração que nasça não de palavras rápidas, mas de uma escuta profunda da voz de Deus, do discernimento do sopro do Espírito que convida à obediência e de um reencontro com Jesus, que sempre está pronto a chamar-nos para segui-lo. Uma escuta que dê espaço para que o outro complete a frase, consiga processar e expressar as coisas mais profundas da alma e sintam-se entendidos. Uma escuta que não ofereça respostas, mas busca um caminho comum. Um caminho em que todos se sentem acompanhados independentemente de sua história de vida. Assim tivemos a graça de ver a formação de casais, o nascimento de crianças, o descobrimento e aceitação de novas profissões, o estabelecimento de amizades profundas, mas também a morte de pais e filhos, a perda de emprego e o repasse de piadas sem graça em mais de um grupo desse mundo digital.

À medida que as conversas eram travadas, algo bonito nascia, algo que poderíamos chamar de uma espiritualidade inteira e íntegra. Uma espiritualidade evangélica que acabou se constituindo numa espécie de mapa segundo o qual nossos encontros eram gestados.

O mesmo acontece com este livro: ele tematiza as marcas desse mapa da espiritualidade.

VALDIR STEUERNAGEL

